

O desenvolvimento científico do esporte militar e civil no Brasil: o papel catalisador da Marinha brasileira e da Academia do Conseil International du Sport Militaire – CISM (1957-1986)*

Scientific development of military and civil sport in Brazil: the encouraging role of the Brazilian Navy and Conseil Academy International du Sport Militaire - CISM (1957-1986)

Lamartine P. DaCosta

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências de Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pesquisador do International Olympic Committee – Advanced Research Grant Program 2015, Doutor em Filosofia (UGF), Livre Docente em Gestão do Esporte (UERJ), Capitão de Mar e Guerra (FN-Ref).

RESUMO

Os avanços de desenvolvimento no esporte na Marinha brasileira tiveram efeitos de longa duração tanto por meio da Liga de Sports da Marinha, criada em 1915, como também da Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar, atuante no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. A presente revisão histórica analisa fatos ocorridos na segunda metade do século XX que comprovam a função catalisadora de ambas entidades postas sob exame nas relações da Marinha com a sociedade civil do País.

PALAVRAS-CHAVE: Marinha do Brasil; esporte militar; estratégia de gestão

ABSTRACT

The developmental drives of sport in the Brazilian Navy had been revealed by long duration effects from the Navy Sports League, created in 1915, as much as from the Academy of the International Military Sport Council during the 1960s and 1970s. As such, this historical fact-finding reviews selected data from the second half of the 20th century which demonstrate the catalytic nature of both institutions in terms of the Navy's relationships with civil society.

KEYWORDS: Brazilian Navy; military sport; management strategy

* Artigo recebido em 14 de abril de 2016 e aprovado para publicação em 27 de maio de 2016.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do esporte na Marinha Brasileira tem se caracterizado por renovações proeminentes seguidas de longos períodos de estabilidade em que se consolidaram os avanços obtidos. Esta interpretação generalista fundamenta-se na revisão histórica de Cancelli & Mataruna¹ sobre o esporte na Marinha desde meados do século XIX até os Jogos Esportivos Mundiais Militares sediados no Brasil em 2011.

O avanço produzido pela criação da Liga de Sports da Marinha (LSM) em 1915 é um exemplo típico da característica de tal perspectiva pendular, pela expansão de esportes resultante daquela associação voluntária de líderes militares com clubes esportivos civis e seus atletas.² Posteriormente em 1922, outro impulso de destaque originou-se da realização dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos no Rio de Janeiro, quando o Exército e a Marinha associaram-se a entidades civis para a gestão do primeiro megaevento esportivo ocorrido no Brasil.³

Impacto semelhante surgiu na década de 1930, quando a preparação de atletas da natação e polo aquático da Marinha brasileira, visando a participação nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, foi orientada pelo técnico japonês Takashiro Saito⁴. Depois desse evento que influenciou a natação brasileira civil nas décadas de 1930 e 1940 – segundo relato de Maria Lenk⁵ –, somente nos anos de 1960 a Marinha voltaria a produzir renovações em sua vida esportiva com impactos externos, no caso resultantes da introdução da pesquisa científica também na preparação de atletas no então existente Centro de Esportes da Marinha.

Na perspectiva dessas generalizações, importa mencionar que os avanços aconteceram por exceção em meio à rotina de práticas esportivas da Marinha brasileira que tem se apoiado desde o século XX no quadro de praças especializados em Educação Física (EP) e mais recentemente no Brazilian Navy; military sport; management strategy. Quadro Técnico do Corpo Auxiliar (CP-T) correspondente para oficiais. Ou seja: os impulsos de desenvolvimento citados ocorreram dentro da tradição naval, mas, sobretudo

com significados relacionados ao âmbito civil do País. Esta linha de conta consolidou-se pela criação da LSM cujas iniciativas foram compartilhadas tanto na Marinha como em clubes esportivos da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX⁶.

Tal feição, ora entendida como catalisadora da Marinha brasileira na relação militar-civil do esporte, teve contudo seu ápice no decorrer dos anos de 1930, como relata DaCosta⁷:

O então Primeiro-Tenente Médico Heriberto Paiva, da Marinha de Guerra, que acompanhava a delegação brasileira aos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932), observou que a inferioridade dos nossos nadadores devia-se ao desconhecimento de um método de trabalho adequado. Regressando ao Brasil, incutiu nos dirigentes da extinta Liga de Sports da Marinha a necessidade da adoção de novas técnicas. Em 1934, após prolongados entendimentos governamentais, chegava ao Rio de Janeiro o técnico japonês Takashiro Saito, da equipe de Matsusawa. A influência de Saito fez-se sentir a curto prazo, com a conquista da hegemonia sul-americana através de Manoel da Rocha Villar, Benevenuto Nunes, Isaac Moraes, Antonio Ferreira dos Santos, João Havelange e outros. O impulso também atingiu São Paulo, onde Carlos de Campos Sobrinho, técnico da equipe de natação da Associação Atlética São Paulo, de 1930 a 1933, já conseguira performances razoáveis com Forssell e Maria Lenk.

O impacto desse intercâmbio com o exterior e com o esporte de alta competição do mundo civil do País, completa a transcrição anterior.⁸

Saito, nos dez meses que permaneceu em nosso País, lançou, em condições permanentes, as bases do treinamento sistematizado da escola japonesa, tendo como veículo os nadadores da Marinha que ficaram à sua disposição em tempo integral. (...) O empenho do eminente técnico japonês em transmitir conhecimentos chegou a ponto de ser organizado um livro, publicado em 1935, com o título *Como vencer na natação*, no qual se estudava o conjunto de fatores considerados no treinamento, que eram propriamente chamados pelo autor de "Treinamento Controlado". Esta brochura é

a primeira obra escrita sobre o treinamento sistematizado em nosso País.

Isto posto, a presente reconstituição histórica propõe-se a revisar o avanço mencionado dos anos de 1960-1970, cuja participação exterior à Marinha deveu-se na ocasião à Academia do Conseil International du Sport Militaire – ACISM, com sede na Bélgica, com influências que se estenderam ao protagonismo civil do esporte brasileiro. A periodização no caso situa-se desde a inauguração da ACISM, em 1957, até seu encerramento das atividades em 1986.

A INFLUÊNCIA DO CISM NO ESPORTE MILITAR

Em oposição aos impulsos anteriores ao pós-Guerra Mundial (1939-1945), o avanço do esporte na Marinha e nas Forças Armadas do Brasil, na década de 1960, partiu de um suporte militar externo, definido pelo CISM e sua ramificação científica, a ACISM, a qual eventualmente atuava em associação com meios civis de pesquisa e intercâmbio. Note-se neste particular que o CISM em si mesmo representou, segundo DaCosta⁹, a tendência de agregar nexos científicos ao treinamento físico militar em lugar da ênfase na simples capacitação para o combate, ainda predominante nos anos de 1950. Esta mesma fonte ainda focalizando os anos de 1960, aponta a coincidência do desenvolvimento promovido pelo CISM com o domínio então crescente da ciência no treinamento de atletas e na gestão das entidades esportivas no mundo civil.¹⁰

Não surpreendentemente, vários membros pioneiros da ACISM atuaram em entidades esportivas civis em condições equivalentes a suas funções militares. Este foi o caso do Major Raoul Mollet (Bélgica), que atuou como Secretário-Geral do CISM e membro da ACISM entre os anos de 1960 e de 1980, tornando-o um personagem emblemático do esporte militar em perspectivas internacionais como também autor consagrado de obras técnicas dirigidas ao mundo civil.

Vale citar diante de tais circunstâncias o testemunho pessoal do presente autor constante de uma avaliação promovida recentemente pelo próprio CISM.¹¹

O autor deste ensaio acompanhou no Brasil a promoção de duplo significado de Raoul Mollet, que se dirigia tanto para os temas militares relacionados ao CISM como ao público civil interessado no seu método Power Training. E como consequência, seus livros traduzidos para o português eram produtos comerciais no Brasil. Eu me tornei adepto desta dupla opção nos anos de 1960 por permitir trânsito nos ambientes acadêmicos internacionais e por manter meu status de pesquisador na vida militar. Posteriormente na década de 1970 eu atuei como treinador de equipes militares simultaneamente produzindo pesquisas de impacto internacional.

Além do então Capitão-Tenente (FN) Lamartine DaCosta, o citado relato nomeia personalidades do Exército e da Marinha que marcaram tanto a influência do CISM como o próprio desenvolvimento do esporte nacional a partir dos anos de 1960.¹²

Outros optantes do modelo militar-civil da ACISM no Brasil foram o Capitão José Pires Gonçalves (Exército), Tenente Manoel Tubino (Marinha) e Capitão Cláudio Coutinho (Exército), este último destacando-se pela sua longa parceria com o Major Kenneth Cooper da US Air Force.

Entretanto, em outra fonte também do próprio CISM, uma importância equivalente às lideranças foi atribuída às abordagens científicas do treinamento físico-esportivo, como se resume a seguir em resgate histórico da ACISM, as propostas destacadas de intervenção durante a década de 1960¹³ (CISM, 2010):

O conceito do 'Treinamento Total' do Major Raoul Mollet abordou a capacitação física como condicionamento fisiológico, aquisição de resistência e endurance, desenvolvimento neuromuscular, ganhos de força muscular, trabalho psicológico e treinamento invisível (dieta, hábitos de vida, família, trabalho etc). Já o "Altitude Training" do Capitão Lamartine DaCosta foi proposto como treinamento das capacidades físicas em nível superior à altitude do local da competição visando a aquisição de endurance por meio da redução da pressão parcial de oxigênio. Por sua vez, o "One Program of Physical Conditioning" do Major Kenne-

th Cooper apoiou-se nos treinamentos de longa duração e no respectivo acompanhamento das reações individuais por meio de um teste padronizado.

Em resumo, igualmente com base na fonte destas declarações, o papel da ACISM durante sua existência mostrou-se também como catalisador nas suas relações com entidades militares e civis brasileiras. Esta interpretação é também justificada em escala maior pela circulação de sua revista técnica *Sport Internacional* – publicada em inglês e francês –, tanto quanto pela organização sistemática de clínicas de atualização de treinadores esportivos para competições de alto desempenho, por congressos de temas técnico-esportivos e por seus manuais técnicos com acesso livre, também em inglês e francês.

Como fatos relevantes desses meios de relacionamento e de informação técnico-científica, a fonte CISM (2010) apresenta a seguinte linha de tempo:¹⁴

1957 – Inauguração da Academia do CISM com o objetivo de dar amplo acesso aos membros militares do desenvolvimento científico do esporte por meio de três seções: doutrinas de treinamento físico, medicina do esporte, técnicas e métodos de treinamento esportivo.

1958 – Criação da revista *Sport Internacional* com ênfase inicial em artigos técnicos e pesquisas relacionadas aos métodos Interval-Training, Circuit-Training, Cross-Promenade, Fartlek e PowerTraining criado por Raoul Mollet em 1954.

1960 – Publicação do livro *Medicine of the Sport*, incluindo um capítulo denominado de “Military Sports Medicine”, tendo como autor o Coronel G. Tartarelli (Itália), incluindo pesquisas relacionadas à academia do CISM; divulgação pela ACISM do método Total Training de Raoul Mollet.

1965 – Publicação pela ACISM de estudos e pesquisa sobre a altitude tendo em vista a realização dos Jogos Olímpicos do México 1968 (*Sport Internacional* nº 26).

1966 – Publicação pela ACISM de um Manual sobre o Altitude Training desenvolvido no Brasil pelo Capitão Lamartine DaCosta.

1968 – Simpósio da ACISM na França, “The Military Methods of Physical and Spor-

ts Training”, com participantes de 28 países, incluindo o Major Kenneth Cooper, da Força Aérea dos EE.UU.

1974 – Realização em Buenos Aires, Argentina, do “International Days of Sport Studying” promovido pela ACISM com 1.300 participantes e 22 palestrantes convidados.

1986 – Encerramento das atividades da ACISM e despedida de Raoul Mollet após 32 anos de mandato de Secretário-Geral do CISM.

Diante desta trajetória, cabe enfatizar que a influência do CISM per se no Brasil se manteve ativa em termos de gestão militar esportiva nas décadas seguintes à dissolução dos impactos da ACISM. Isto aconteceu tendo em vista as representações das Forças Armadas brasileiras nos sucessivos campeonatos do CISM com ápice na realização dos Jogos Mundiais Militares do CISM, organizados no Rio de Janeiro em 2011, reunindo 88 nações com 5.650 atletas (268 brasileiros) em 20 modalidades esportivas. Neste evento, o Brasil conquistou o maior número de medalhas, o que confirma a importância destacada na fase pós ACISM do esporte militar no País, incluindo naturalmente a Marinha, responsável por 35% desses resultados.¹⁵

O PAPEL CATALISADOR DA MARINHA BRASILEIRA

De fato, a influência maior do CISM nas Forças Armadas brasileiras sempre se manifestou por via das representações do País presentes nos programas de competições internacionais daquela entidade. A própria conexão do CISM com a Marinha brasileira se fez primeiramente por intermédio da seleção das Forças Armadas para as competições de Pentatlo Militar (tiro, natação utilitária, lançamento de granadas, pista de obstáculos e corrida *cross-country*). Esta modalidade, inicialmente concentrada no Exército, passou a ter a Marinha como suporte em 1962, com seus atletas a partir de 1964 tornando-se focos de pesquisas sobre resiliência física observados durante os períodos não dedicados ao treinamento pré-competição.

A implantação desta dupla finalidade – treinamento atlético e acompanhamento

das reações aos esforços físicos de longa duração – coube ao então Capitão-Tenente (FN) Lamartine DaCosta, egresso à época da Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx e que também compartilhava de atividades da ACISM na Europa. Como tal, este pesquisador registrou em livro publicado em 1967, no Brasil, a adoção do modelo ACISM e o desdobramento das investigações que tiveram como ponto de partida os efeitos do clima tropical sobre o treinamento esportivo e prosseguiram com observações dos efeitos da altitude nos atletas do Pentatlo Militar com experiência internacional.¹⁶

Diferenças à parte, reproduziu-se então uma experiência similar a de Takashiro Saito ocorrida no mesmo local três décadas passadas com atletas militares da Marinha, incluindo a publicação da memória das intervenções realizadas. A distinção a ser realçada no caso foi a longa duração exigida pelas observações de pesquisa, totalizando três anos (1964-1966) em contraste com os dez meses da missão japonesa de 1935. Contudo, o impacto de transferência de conhecimentos da versão 1962-1967 mostrou-se mais eficaz por ter a ACISM como vetor de compartilhamento com a sociedade civil no Brasil e no exterior como se expõe adiante.

Do ponto de vista do papel exercido pela Marinha ao hospedar o Pentatlo Militar, a função catalisadora manifestou-se de imediato com a instalação do Pentatlo Naval no Centro de Esportes da Marinha, em 1963; criou-se assim mais uma representação internacional nas competições do CISM a partir do Brasil que se desenvolveu por influências mútuas com o Pentatlo Militar. De modo significativo, o Pentatlo Naval (pista de obstáculos, natação de salvamento, natação utilitária, habilidades navais e *cross-country* anfíbio) apresentou respostas rápidas aos estímulos do Pentatlo Militar desde que nesta modalidade a seleção brasileira foi campeã mundial em 1965 na Holanda, ao passo que a versão naval alcançou a mesma láurea já em 1967, na Grécia.

Adicionalmente o Pentatlo Naval brasileiro tem exibido continuidade nos resultados, tendo sido campeão mundial do CISM em 1972, na Suécia, em 1986 no Brasil e em 2015 na Coreia do Sul, mantendo-se com o

suporte do Centro de Esportes da Marinha até 1973 – data da extinção desta entidade – e depois com vinculação ao Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes – CEFAN, no Rio de Janeiro. Entretanto, este caso sugere ser particularizado sobretudo como exemplo de boa gestão esportiva militar uma vez que não adotou o modelo ACISM de intercâmbio com o ambiente civil.

Por conseguinte, torna-se factível interpretar a jornada do Pentatlo Militar na Marinha brasileira como uma narrativa histórica coincidente com as tradições da LSM. Neste propósito, importa citar a fonte Santoro¹⁷, que classificou tal ocorrência como “inovação” em termos da história do esporte nacional e construiu uma linha do tempo com significados e repercussões narrados a seguir:

1964-1966: Neste período, Lamartine DaCosta realizou vários experimentos sobre o efeito do calor na performance atlética, usando como elemento de observação a variação de temperaturas em diferentes altitudes em montanhas do Rio de Janeiro. Os sujeitos foram dez atletas da representação brasileira de Pentatlo Militar, todos com experiência internacional. Ao longo dos três anos de medições, verificou-se, estatisticamente, que o gradiente altitude tinha mais efeito sobre a qualidade física da resistência do que a temperatura, em condições opostas; ao passo que a elevação da temperatura reduzia, a subida gradual da altitude aumentava a resistência dos atletas a posteriori. Formalizou-se, então, um método de treinamento físico que pudesse explorar a melhoria progressiva da resistência por meio de repetições de esforços em altitudes variadas, com a denominação de Altitude Training.

1965: Seis atletas do grupo experimental do Altitude Training formaram a seleção brasileira que compareceu ao Campeonato do Mundo de Pentatlo Militar, realizado na Holanda neste ano, sagrando-se campeões por equipe. Nesta ocasião, estes atletas venceram a prova de 8 km *cross-country*, com resultados jamais obtidos em provas internacionais de longa distância por atletas nacionais militares.

1967: Publica-se o livro *A atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução*

experimental: o Altitude Training, de Lamartine DaCosta, em que se expõe o processo de descobertas sucessivas partindo do aperfeiçoamento do conhecimento básico vindo do exterior via experimentos científicos locais.

1967: Neste ano publicou-se uma segunda obra sobre pesquisas em altitude, por Lamartine DaCosta, na qual se apresentavam sugestões para a aclimação e treinamento local dos atletas brasileiros de diferentes modalidades visando-se aos Jogos Olímpicos do México, no ano seguinte. O livro foi denominado de *Planejamento México* e foi chancelado pela então Divisão de Educação Física-DEF do MEC, que também financiou a viagem e permanência do autor no México, quando de sua inclusão no grupo de cientistas observadores internacionais das condições de performances atléticas em altitudes elevadas. O *Planejamento México*, portanto, consistiu no ajustamento do Altitude Training à adequação do atleta brasileiro à aclimação local na cidade sede das Olimpíadas de 1968.

1968: Realização de um curso de um mês para representantes de todas as faculdades de Educação Física do País – que na época somavam 30 entidades – e que resultou em um livro não comercializado, depois entregue a todos os alunos da graduação respectiva àquela área de formação profissional. A proposta era introduzir a disciplina de treinamento esportivo nas faculdades de Educação Física, pois este campo de estudo estava defasado perante os centros mais avançados do exterior. Esse curso chamou-se “Ciência do Treinamento Desportivo” para dar uma dimensão científica à Educação Física que, naquela época, era deficitária neste setor.

1969-1970: A ACISM publica, em língua inglesa, o livro *A atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental*: o Altitude Training, dando curso internacional ao método desenvolvido no Brasil, como também concede a Lamartine DaCosta um prêmio especial por suas pesquisas pioneiras. A International Society of Biometeorology convida o pesquisador brasileiro para fazer parte de seus quadros. E, neste mesmo ano, logo após se instalar a Comissão Técnica da Seleção Brasileira de Futebol

para a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México, Lamartine DaCosta é convidado por João Saldanha, seu titular, a assessorar a Comissão quanto ao treinamento físico e aclimação dos jogadores.

Ao se sintetizar essas aproximações, o fator catalisador da Marinha brasileira associada a outras entidades militares do País torna-se mais evidente. Este argumento é também encontrado num relato de Tubino & DaCosta¹⁸, em que se constata um impacto de longo prazo produzido pela ACISM na ciência do esporte praticada no Brasil.

Em 1968, Manoel Gomes Tubino, Cláudio Coutinho e Nery do Nascimento representaram a Comissão Desportiva das Forças Armadas – CDFA (hoje CMDDB) – no Simpósio de Treinamento Físico de Fontainebleau, na França, promovido pela Academia do CISM. Neste evento, os três especialistas brasileiros travaram relações com Kenneth Cooper, então médico militar dos EUA e membro da ACISM, e outros nomes de destaque na área de treinamento e fisiologia aplicada ao esporte. Os resultados deste evento repercutiram por toda a década de 1970 no Brasil: o método de Cooper – e o respectivo teste de 12 minutos – tornou-se popular em escala nacional, tendo como alavanca a sua utilização no treinamento físico da Seleção Brasileira de Futebol para a Copa do Mundo no México, em 1970, na qual um dos preparadores físicos foi Cláudio Coutinho. Além disso, a ACISM estreitou os laços com os especialistas brasileiros, trazendo ao Brasil um naipe de prestígio internacional para um seminário em 1972, que consolidou definitivamente o treinamento esportivo associado à medicina do esporte no País em termos acadêmicos. Neste evento, além do próprio Cooper, estavam presentes Philip Rasch (EUA) da Cinesiologia, Raoul Mollet (Bélgica) do Treinamento Total, Lelio Ribeiro (Portugal) dos fundamentos do treinamento esportivo, Maurício Rocha da fisiologia do exercício e Lamartine DaCosta, que cobriu a parte de metodologia da pesquisa. Coincidentemente, o Seminário da ACISM-1972 no RJ marcou também a consolidação dos laboratórios de fisiologia do exercício da UFRJ (o primeiro especializado do País sob condução de Maurício Rocha), da UFRGS, com

Eduardo de Rose e da USP, com Maria Augusta Kiss, ambos presentes no Seminário.

CONCLUSÕES

As relações de contexto dos fatos relatados pelas fontes reunidas neste ensaio sugerem que a iniciativa catalisadora da ACISM em suas interfaces militares e civis com o esporte brasileiro assumiu efetivamente identidade similar à Liga de Sports da Marinha, mas com adicionais valores agregados sobretudo científicos e internacionais.

Destaque-se neste propósito que o trabalho conjugado da ACISM com a Marinha brasileira

utilizou-se da mobilização de cientistas de renome internacional para atuação associada com seus pares brasileiros, gerando um impacto que deu sentido ao desenvolvimento do esporte civil do País nas décadas de 1960-1970, com repercussões nas décadas seguintes.

Em última instância, a sobrevivência das influências da LSM e da ACISM em trabalhos colaborativos de índole militar-civil demonstrou ser de longa duração. Esta caracterização é por si só um atributo para a validação de ambos os modelos de intervenção para ações futuras, o primeiro de natureza comunitária e o segundo voltado para à ciência e à sua gestão.

¹ CANCELLA, K. & MATARUNA, L. Para o “desenvolvimento physico do pessoal da Armada”, institucionaliza-se o esporte: análises sobre as primeiras aproximações da Marinha do Brasil com as práticas esportivas e o processo de fundação da Liga de Sports da Marinha. *Navigator*. Vol. 8, n. 15, 2012, p. 101 – 113.

² CANCELLA, K.; GARRIDO, F.; ÁVILA, E. B.; SOARES, V. Q.; GROSS, P. S. C. *100 anos de esporte na Marinha do Brasil: da 'Liga de Sports' ao Programa Olímpico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Agência 2 A Comunicações, 2015, p. 22-37.

³ TORRES, C. Jogos Olímpicos Latino-Americanos – Rio de Janeiro, 1922. 1 ed. Manaus: CBA, 2012, p. 79 – 114; DaCosta, L. Exposição internacional do Rio de Janeiro – 1922: um marco histórico do Movimento Olímpico e do Esporte na América do Sul. *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 441-416.

⁴ DACOSTA, L. Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo. 1 ed. Brasília: Divisão de Educação Física – MEC, 1968, p. 1-16.

⁵ Lenk, M. Braçadas & abraços. 1 ed. Rio de Janeiro: Atlântica-Boavista, 1982, p. 83-92.

⁶ *Ibid.* p. 28-36.

⁷ *Ibid.* p. 10.

⁸ *Ibid.* p. 10.

⁹ DACOSTA, L. The Armed Forces as stakeholder in the development of sports science: practical experiences in knowledge management. *Proceedings Book of the CISM International Symposium*. Prague: Sports Research Institute of Czech Armed Forces, 2009, p. 23-32.

¹⁰ DACOSTA, L. From old to new Academy. *Proceedings Book of the CISM International Symposium*. Prague: Sports Research Institute of Czech Armed Forces, 2009, p. 182-186.

¹¹ *Ibid.* p. 182-186.

¹² *Ibid.* p. 185.

¹³ CISM. Chronology of CISM Academy. 2010. Available at http://www.cism-milspport.org/eng/017_DOWNLOADS/Documents/Minutes_GA_2013/8.%20CISM%20Academy%20History.pdf

¹⁴ *Ibid.* <http://www.cism-milspport.org/eng/017>

¹⁵ MINISTÉRIO DA DEFESA. 2011. <http://jogosmilitares.defesa.gov.br/noticias/385-brasil-quadro-de-medalhas>.

¹⁶ DACOSTA, L. *A Atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude Training*. 1 ed. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967, p. 1-10.

¹⁷ SANTORO, M. Inovações tecnológicas e científicas – A renovação científica do futebol brasileiro na Copa de Mundo de 1970 – México. In *Atlas do Esporte no Brasil*, DaCosta, L. (ed), 2005. Disponível em www.atlasesportebrasil.org.br/textos/299.pdf

¹⁸ TUBINO, M. G. & DACOSTA, L. Treinamento Esportivo. In *Atlas do Esporte no Brasil*, DaCosta, L. (ed), 2005. Disponível em <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/315.pdf>